

---

# A LINGUAGEM EM PAULO FREIRE

---

João Wanderley Geraldi\*

---

*Neste estudo, a linguagem em Paulo Freire é tomada sob três perspectivas: a do uso da linguagem por Paulo Freire; a construção discursiva do lugar enunciativo de Paulo Freire e por fim a linguagem concebida como categoria de compreensão das realidades na obra de Paulo Freire. Relativamente ao uso, ressalta-se um aspecto pouco salientado da prática do autor, aquela dos 'livros falados' que re-introduz a oralidade, forma típica de produção popular de conhecimentos, num meio que lhe é hostil, o mundo acadêmico. Sobre o lugar enunciativo, as categorias do narrador e da experiência, tomadas do pensamento de Walter Benjamin, são manuseadas para compreender o ethos de Paulo Freire e sua forma de produzir conhecimentos. A linguagem, enquanto categoria de compreensão, é concebida pelo autor na relação com a alteridade e a dialogia que esta relação implica, a mostrar que somos na nossa voz muitas vozes.*

---

\* Professor na Unicamp – Universidade Estadual de Campinas.

Cada homem é todos os outros. Esses outros não são apenas os vivos. São também os já transferidos, os nossos mortos. Os vivos são vozes, os outros são ecos.  
(Avô Mariano) (Mia Couto. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*).

O desafio de tratar da *linguagem em Paulo Freire* se expõe já no título, propositadamente apontando para três sentidos possíveis:

1. Pode-se tratar da linguagem em seu sentido estrito de língua ou dos recursos lingüísticos que Paulo Freire usou, e muitas vezes, criou em suas obras, e então a expressão poderia ser traduzida por outra: a linguagem de Paulo Freire.
2. Pode-se tratar da linguagem enquanto estruturação discursiva do pensamento de Paulo Freire, buscando na sua «ordem» discursiva um conjunto de elementos que poderiam ajudar a caracterizar o *ethos* do locutor, o lugar que escolheu e de onde proferiu suas falas, e então a expressão poderia ser traduzida por outra: o discurso de Paulo Freire.
3. Pode-se tratar da linguagem enquanto fenômeno ou categoria de pensamento tal como concebida pelo autor em seu funcionamento próprio a partir do qual outros fenômenos sociais e pedagógicos podem ser explicados ou pela qual estes outros fenômenos necessariamente transitam.

Certamente o primeiro aspecto, aquele mais superficial, pode ser imediatamente detectado pelo leitor nos inúmeros neologismos de que Paulo Freire lançou mão. Todos nós já tivemos a experiência contemporânea de citar o autor e ver nossos «guias lexicais ou ortográficos» automaticamente sublinhar, em chamativos traços vermelhos, palavras, locuções e até mesmo sentenças. Para dizer o novo, há que haver um modo novo de dizer. Mas este novo não pode ser tão distante do conhecido, sob pena de produzir o inverso de seus desejos: em vez da assunção radical de certos conceitos para com eles produzir um pensamento compartilhado, chega-se à incompreensibilidade jamais desejada pelo autor. Neste sentido, suas formas de construir itens lexicais, expressões, metáforas, estruturas sentenciais não fogem ao modo criativo com que a linguagem é empregada tanto nos contextos populares quanto nos meios mais formais.

Estudar estas relações é um desafio a ser enfrentado, para reencontrar os caminhos da sua gramática de criação. Desde já, como leitores despreocupados com as formas e recursos lingüísticos mobilizados, podemos encontrar «a boniteza de suas radicações» na encarnação de modos simples de dizer, modos populares de dizer, em que os floreios de estilo não são enfeites, mas tentativas de penetrar na especificidade da idéia e na compartilha destas idéias e sonhos de transformação.

Lembremos também os seus «livros falados», tão próprios de seu tempo de pós-exílio. Havia urgência em recuperar um tempo ausente e jamais passível de reposição. Havia excessos a dizer depois do silêncio da distância. Mas, sobretudo, havia um profundo respeito pela palavra dita, aquela em que a voz não se esconde – e muitas vezes tenta se apagar – sob os sulcos da linearidade das letras. Também aqui Paulo Freire nos dá uma lição: vivendo no meio da academia por razões de ofício, trouxe para este contexto o modo popular e singular da produção da cultura e do conhecimento: a oralidade. Estamos sempre a nos distanciar da oralidade principalmente porque consideramos que a escrita permite uma reflexão mais aprofundada, menos marcada pelas condições de sua emergência, mais pura e neutra em relação ao acontecimento do encontro entre os parceiros que se debruçam sobre o vivido para dele extrair sentidos e lições. Escrever «livros falados» foi um exercício de reflexão marcada, sem qualquer vontade de neutralidade e falso distanciamento que a escrita supostamente produz.

Se juntarmos estes dois aspectos da linguagem de Paulo Freire, encontraremos mais uma marca de coerência: o fazer cognitivo não se afasta da vida, mas está prenhe dela e somente nela adquire direção e sentido. Também seus caminhos epistemológicos não recusam o que teoricamente defende: o necessário diálogo com o outro e a ousadia da construção de um novo dizer sem qualquer medo das ordenações das gramáticas e dicionários que pretendem estancar os processos de criação lingüística. E isto num meio extremamente hostil à oralidade: o meio acadêmico.

Embora este primeiro aspecto da *linguagem de Paulo Freire* seja extremamente provocador, não é a ele que me dedicarei nestas minhas colocações. Vou preferir enxergar o autor a partir do que me parece ser o lugar privilegiado de sua estruturação discursiva, que pode ser resumida na fórmula do «narrar e

pensar». Num segundo momento, pretendo levantar algumas hipóteses a respeito do significado da linguagem na obra de Paulo Freire, considerando-a como fenômeno e como categoria de compreensão do mundo, aproximando Paulo Freire a Bakhtin e a Vygotsky, autores cujas obras me parecem compagináveis no que concerne à concepção e funcionamento da linguagem.

## 1. Narrar e pensar

Todos nós que tivemos a oportunidade de ouvir Paulo Freire, ou mesmo lê-lo, reencontramos nas suas exposições um narrador, gostoso de ouvir, que se voltava para suas experiências e delas extraía as considerações que ia tecendo com invento e limpidez cativantes. Seguramente perdemos, com Paulo Freire, um certo modo de inventar-se como intelectual apaixonado pelas idéias que defende, comprometido com a construção de uma sociedade mais justa e sem qualquer vergonha por assumir opções políticas. É deste Paulo Freire que se pode dizer que foi um narrador que retirou da experiência a reflexão teórica que nos apresenta como conselhos.

Walter Benjamin no estudo sobre o narrador afirma que «são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. [...] Uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo».

Acompanhando o texto de Walter Benjamin, vamos encontrando alguns elementos que poderiam dar corpo à hipótese de leitura de Paulo Freire, complementando-a com outras perguntas que apontam para as possibilidades de definir um *ethos* do autor e ao mesmo tempo um modo de fazer ciência que se aproxima e valoriza os modos populares de construção de saberes e conhecimentos.

**1. Entre as estabilidades dos lugares e os movimentos do viajante:** como «a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores», estes são divididos em dois grupos que se interpenetram – «quem

viaja tem muito o que contar» e quem fica, conhece as histórias e tradições de seu país. O marinheiro e o camponês. O camponês e o marinheiro. Paulo Freire poderia ter sido ambos? Suas obras remetem sempre à experiência do SESI e, posteriormente, a Angicos. O exílio o torna marinheiro e a experiência com a África inclui entre suas reflexões o corpo, seus gingados e suas danças.

**2. As lições do vivido:** a narrativa tem uma dimensão prática e utilitária. «Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. [...] Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção». Retiro um exemplo de Paulo Freire – depois de narrar sua relação de dor com a chuva, lama ou barro pegajoso, desvelando a razão de ser de sua experiência de sofrimento para dele libertar-se, aconselha: «...alcançar a compreensão mais crítica da situação de opressão não liberta ainda os oprimidos. Ao desvelá-la, contudo, dão um passo para superá-la desde que se engajem na luta política pela transformação das condições concretas em que se dá a opressão. O que quero dizer é o seguinte: enquanto no meu caso, foi suficiente conhecer a trama em que meu sofrimento se gestava para sepultá-lo, no domínio das estruturas socioeconômicas, a percepção crítica da trama, apesar de indispensável, não basta para mudar os dados do problema. Como não basta ao operário ter na cabeça a idéia do objeto que quer produzir. É preciso fazê-lo. A história da mudança é uma história ainda a construir. Se o conselho não responde a uma pergunta, mas sugere uma continuação para a história, é este fim da história que não está fixado no pensamento de Paulo Freire, porque atingida a não opressão, outra história começa nesta eterna busca do «fazer-se homem». Os conselhos, que demandam a sabedoria, que como lado épico da verdade demanda compromissos, sonhos e utopias, são tecidos de «saber de experiência feito» para construir o «inédito viável».

**3. As interpretações como forma de tornar as narrativas atemporais:** exigindo uma comunidade de ouvintes, a narrativa contém informações plausíveis, retomadas no eterno re-contar a história que se tece na rede das interpretações

distintas e nos diferentes desempenhos de cada narrador, e destes em cada situação. «Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo...». Em Paulo Freire, observamos a frequência com que reconta a experiência do SESI (por exemplo, em *Educação como Prática da Liberdade* e em *Pedagogia da Esperança*), retorna a Angicos, volta a Recife e à casa paterna. A cada novo tempo, a narrativa narrada retorna, reinterpretada e fundamentando conselhos novos, porque dialogam múltiplos passados com o presente olhado com o desejo de futuro.

**4. A conexão entre a fluidez da vida e as estabilidades instáveis dos conhecimentos:** no narrador, os desígnios do futuro, as reminiscências do passado, o sentido da vida, a autoridade da experiência vivida, o curso das coisas sobrepõem-se à tentativa de encontrar explicações lógicas, coerentes e coesas, porque se assume que as vidas dos homens e das mulheres são prenes de saberes e desejos. Talvez nestas «operações» próprias à narrativa possam ser encontrados indícios de explicação para um processo de produção que me parece uma constante em Paulo Freire: todo ciclo de reflexão teórica, em que os pensamentos se organizam em obra, vem precedido de um ciclo de experiências multifacetadas, de modo que a obra final condensa em um gesto pontos diversos de uma trajetória prévia. *Pedagogia do Oprimido*, por exemplo, é antecedida por obras que remetem à experiência no SESI: *Educação e atualidade brasileira*, depois com retoques, *Educação como Prática da Liberdade*, mas também por um texto a propósito a gestão de João Alfredo Gonçalves da Costa Lima como Reitor da Universidade de Recife, pelos livros e cadernos de exercícios de alfabetização e pelo livro *Alfabetização e Conscientização*. Em resumo, a obra-prima de Paulo Freire condensa a experiência brasileira pré golpe militar de 1964 e as primeiras experiências no exílio, especialmente o trabalho realizado junto aos camponeses chilenos, de que *Extensão ou Comunicação?* possivelmente seja a obra mais conhecida entre nós. Somente para citar outro exemplo, *Pedagogia da Autonomia* se torna uma necessidade das lições extraídas do exercício de cargo público. De modo geral, os dirigentes das secretarias de educação, especialmente de governos mais identificados com a esquerda, constroem um projeto pedagógico que procuram implantar na rede de ensino pelas quais respondem. Em geral estes gestos de implantação desconhecem a história da própria rede de ensino, desconhecem as dificuldades cotidianas dos professores, seus anseios e seus preparos. Certamente a construção da

autonomia do professor é a única maneira de lutar contra estas formas de gestão que acabam reduzindo tudo a um tempo zero pela descontinuidade e pelos re-começos constantes.

**5. Subjetividades expostas:** segundo Walter Benjamin «a narrativa... é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o «puro em si» da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso». No modo paulo-freireano de falar, corpo, gesto e voz se unem na forma estética de defender a ética. São conhecidos seus neologismos, suas metáforas, seus contornos frasais que, ao contrário do rebuscado modo acadêmico de se expor, são de fácil compreensão, parecem dizer precisamente aquilo que devem dizer.

Paulo Freire, como narrador, soube extrair da experiência seus conselhos, e seguindo seus próprios conselhos construiu uma teoria pedagógica, dela extraiu uma metodologia de trabalho e com todos compartilhou seus achados. Fez isso na forma da valorização da narrativa e se esta hipótese tiver algum significado será o de extrair mais um ensinamento da obra e vida de Paulo Freire: as verdades são gestadas nos processos de interlocução que tomam o mundo vivido como seu tema para dele extrair o conhecimento de experiência feito. Foi assim que nos legou uma obra. Para aqueles que querem ultrapassar o comentário, deixou-nos um exemplo.

## 2. Linguagem: diálogo e alteridade

Certamente estaríamos quase todos propensos a aceitar que o século XX se caracterizou também por uma mudança inigualável nos processos de comunicação social. Desde a invenção da imprensa não assistíamos a algo semelhante: neste século foi popularizado o jornal, pelo desenvolvimento das máquinas gráficas que foram da impressora manual e suas formas de composição em pranchas, passando muito cedo para as linotipos, com as impressoras rotativas, para chegar à impressão *offset*, à composição por filme, chegando às impressoras eletrônicas. Mas isto seria pouco, porque manteria os mesmos princípios

originais de Gutenberg. Popularizaram-se também o rádio e a telefonia; na esteira da fotografia e do cinema, inventou-se a televisão. Passamos da transmissão do estúdio às transmissões ao vivo. Hoje canais de acesso restrito, nas transmissões a cabo. Usamos a fita de vídeo e nem bem acostumados a ela, começamos a operar com gravações em disco rígido e populariza-se o DVD. Sobre tudo isso, reina quase absoluta a «máquina universal», o computador, e através dele a rede da Internet. Esta longa enumeração, restrita ao desenvolvimento das tecnologias, apenas ressalta o quanto estes tempos estiveram preocupados com a comunicação social. Mas a centralidade da linguagem não resulta deste desenvolvimento tecnológico. Talvez ele apenas nos tenha confirmado o que já nos inícios do século estava posto pela reflexão filosófica e pela psicologia cognitiva. Este foi o século de uma «virada lingüística»: a categoria da linguagem passa a fazer parte de nossas atuais respostas a questões cruciais da filosofia, da psicologia e da epistemologia: o desenvolvimento cognitivo, a memória, o pensamento, a constituição da consciência e das formas de compreensão do mundo são hoje tratadas a partir da linguagem.

De modo extremamente resumido, podemos dizer que a linguagem, tanto para Paulo Freire quanto para Vygotsky e Bakhtin, tem uma função constitutiva dos sujeitos. Os três autores compartilham um ponto de partida: a dialogia como espaço de construção do humano. Não há diálogo sem a construção de recursos expressivos, através dos quais pensamentos são organizados e expostos, compreendidos e modificados.

Paulo Freire inúmeras vezes chama a atenção para a importância do processo comunicativo e para as formas da linguagem nestes processos. Ao defender que a leitura do mundo é anterior à leitura da palavra, não ignorou que o mundo é lido através de nossas compreensões e estas não se dão no vazio, mas na experiência social, no convívio com o mundo e com os outros: expressa-se em linguagem. Mesmo quando usava conceitos como «consciência ingênua», defendia que o conhecimento crítico, o apossar-se da realidade resulta de uma educação dialogal e ativa, e por isso mesmo sempre recoberta pela palavra. Já em sua crítica ao «mutismo» da cultura brasileira, faz a defesa dos processos dialógicos como essenciais na construção social das subjetividades. «As sociedades a que se nega o diálogo – comunicação – e, em seu lugar, se lhes oferecem “comunicados”, resultantes de compulsão ou “doação”, se



fazem preponderantemente “mudas”. O mutismo não é propriamente inexistência de resposta. É resposta a que falta teor marcadamente crítico» (Freire, 1971: 69). É desnecessário buscar mais exemplos: os leitores de Paulo Freire conhecem o quanto para ele os processos interlocutivos, as interações sociais, e dentre elas as interações verbais, são essenciais na construção do pensamento crítico e, portanto, na construção das consciências.

Vygotsky debruçou-se sobre as relações entre linguagem e pensamento, cunhando o conceito de «ação reguladora da linguagem»: sem o concurso da linguagem não há pensamento. Como a linguagem é compartilhada entre sujeitos, cada sujeito teria na própria linguagem uma espécie de «voz descontextualizada» que, em oposição à voz contextualizada, participaria da solução na construção das compreensões sobre as situações empíricas, em si mesmas incompreensíveis se não postas em relação com a totalidade. Esta é atingível apenas pelas generalizações, de que os sentidos das palavras são o primeiro exemplo com que convive a criança.

Para Bakhtin, a linguagem é constitutiva da consciência e de toda atividade mental. O sujeito constitui-se nas interações de que participa. Bakhtin estuda a relação da consciência com o sistema de signos, e também passa pela questão das atividades mentais do eu e as atividades mentais do nós. Textualmente em Bakhtin/Voloshinov, pode-se ler:

*«É preciso insistir sobre o fato de que não somente a atividade mental é expressa exteriormente com a ajuda do signo (assim como nos expressamos para os outros por palavras, mímica ou qualquer outro meio) mas, ainda, que para o próprio indivíduo, ela só existe sob a forma de signos. Fora deste material semiótico, a atividade interior, enquanto tal, não existe. Nesse sentido, toda atividade mental é exprimível, isto é, constitui uma expressão potencial. Todo pensamento, toda emoção todo movimento voluntário são exprimíveis. A função expressiva não pode ser separada da atividade mental sem que se altere a própria natureza desta» (1929: 51).*

*Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação (1929: 112).*

*A atividade mental tende desde a origem para uma expressão externa plenamente realizada. (...) Uma vez materializada, a expressão exerce um efeito reversivo sobre a atividade mental: ela põe-se então a estruturar a vida interior, a dar-lhe uma expressão ainda mais definida e mais estável* (1929: 113).

É graças à indeterminação relativa dos significados que a linguagem torna possível a interlocução, o ato singular da enunciação e, ao mesmo tempo, possibilita que o singular tenha interferência nas generalizações, pois os significados não saem incólumes de seus usos.

Os modos de funcionamento da linguagem, em que nos atos singulares da enunciação retornam os recursos expressivos compartilhados e procedentes de outras enunciações, estão a nos mostrar que a totalidade é sempre algo a ser alcançado, e por isso nosso pensamento concreto, nossas teorias, nossos conhecimentos têm que abrir sempre as portas para se deixar percorrer por outros e novos sentidos. A linguagem nos ensina a todo o momento «testar os “achados” e se dispor sempre a revisões» (Freire, 1971: 61).

Talvez encontremos aqui uma conseqüência ainda não suficientemente explorada nos estudos sobre as teorias dialógicas: elas parecem demandar um compromisso com o futuro, com o provisório, com o sempre em construção. Todo o ponto de chegada é também um ponto de arrancada nesta transformação perene, porque sempre há algo a ser alcançado, algo que não está na origem como essencialidade fixa do humano, mas que está sempre se fazendo. É esse compromisso com o futuro que levam

- o psicólogo a cunhar o conceito de «zona de desenvolvimento proximal», mais importante do que qualquer estágio concluído de desenvolvimento;
- o filósofo a defender em sua filosofia do ato ético a reponsividade de cada ação como um processo de construção de algo que opera com o já dado para alcançar o ainda não conseguido;
- o educador a apontar a tarefa permanente da transformação.

Toda a arquitetura do pensamento dialógico se sustenta na relação com a alteridade. É a presença do outro na constituição da subjetividade, na formação da consciência, no desenvolvimento das funções psíquicas superiores que

dá originalidade e radicalidade às perspectivas de Paulo Freire, Bakhtin e Vygotsky. É neste ponto que efetivamente o encontro destes autores acontece.

E aqui o sentido de «a linguagem em Paulo Freire» ultrapassa toda e qualquer perspectiva superficial: nós nos fazemos o que somos nas relações dialógicas que mantemos com a alteridade. Sem o outro, não há vozes. Sem o outro, não há ecos. O sujeito e o outro. Relações dialógicas que não se dão no vazio: são relações sociohistóricas, sobrecarregadas das condições de seu exercício, estando os interlocutores condicionados pelo caráter destes encontros que, não obstante suas determinações, são lugares e tempos de construção de novas condições. Sujeição e criação concomitantes, porque a dialogia se dá sobre o estável e sobre o instável da relação com a alteridade. É por isso que somos, numa voz, muitas vozes.

**Contacto:** João Wanderley Geraldi, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem DEPARTAMENTO DE LINGUISTICA – UNICAMP, Cidade Universitária “Zeferino Vaz Barão Geraldo – Campinas 13084-971, SP – BRASIL Email: [megcris@iel.unicamp.br](mailto:megcris@iel.unicamp.br)

## Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter (1994) «O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov», in *Obras Escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política*, São Paulo: Editora Brasiliense.
- BENITES, M., FICHTNER, B. e GERALDI, J. W. (no prelo) *Sob o signo de Vygotsky. Arte, Linguagem e Educação*.
- FREIRE, Paulo (1979) *Conscientização. Teoria e Prática da Libertação. Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire*, São Paulo: Cortez & Moraes.
- FREIRE, Paulo (1971) *Educação como Prática da Liberdade*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª edição.
- FREIRE, Paulo (1996) *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GERALDI, João W. (1999) «Paulo Freire: Narrador e Pensador», in Valdir Heitor Barzotto (org.) *Estado de Leitura*, Campinas: ALB/Mercado de Letras, 207-215.
- GERALDI, João W. (2003) «Paulo Freire e Mikhail Bakhtin. O encontro que não houve», in Norma Sandra Almeida Ferreira (org.) *Leitura: cons/certos*, São Paulo: Cia. Editora Nacional, 45-66.
- VANNUCCHI, Aldo (1983) (org.) *Paulo Freire ao Vivo*, São Paulo: Edições Loyola.
- VOLOSHINOV, V. e BAKHTIN, M. (1981) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, São Paulo: Hucitec (original de 1929).

## A Pretexto da Conferência de Wanderley Geraldi «A Linguagem em Paulo Freire»

Rosa Soares Nunes\*

Com o tema «A Linguagem em Paulo Freire» Wanderley Geraldi veio aqui partilhar connosco a sua **compreensão criativa** dessa linguagem. E não é inocentemente que, ao apresentá-lo, faço referência a este conceito. **Compreensão criativa** é um conceito que percorre a obra do filósofo russo Mikahil Bakhtine. O nosso encontro intelectual tem a marca de uma paixão comum por este autor.

Todo o texto é percorrido pela preocupação Freiriana, e também de W. Geraldi, com a emergência de um sujeito forjado num eu-tu interconstitutivo, remetendo para uma relação dialógica.

Para isso, Wanderley justapõe à voz de Paulo Freire outras vozes – Bakhtine e Vygotsky – que deixam o rasto de outras significações, porque ele sabe que a recusa de uma significação única é o que mantém o texto em estado de enunciação e não de enunciado.

É também este sentido dinâmico de incompletude – outro conceito bakhtiniano – que nos estimula para a partilha de sentidos.

Nesta justaposição assume-se o risco hermenêutico de inferir similitude onde outros podem ler diferenciação.

O Wanderley foi arguente da minha tese de doutoramento. Um dos subtítulos dessa tese é uma pergunta que a minha neta me fez, tinha acabado de fazer 3 anos: «Avó, porque é que a gente não vê a nossa cabeça?».

Nesta pergunta ela situou o determinismo da nossa condição dialógica: nós não vemos a nossa exterioridade. Tampouco o espelho no-la devolve.

Quando olhamos para o espelho é sempre falso o que vemos, porque não vemos o que os outros vêem quando nos vêem. É através do olhar dos outros que eu me construo, enquanto imagem de mim própria.

---

\* Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Para Bakhtine, é impossível a construção do eu a partir da consciência individual. Tal como Paulo Freire, ele vê um núcleo dialógico em toda a sociabilidade, que é construído por uma resposta existencial activa, construída na própria interacção.

Em qualquer situação de comunicação intercultural ou interpessoal nós criamos imagens dos outros e imagens de nós próprios para os outros – o que remete para o conceito de **exterioridade**. No âmbito da construção de uma cidadania multicultural, este conceito pode ser muito produtivo para a reflexão sobre diálogo, porque qualquer cultura tem significados que ela própria não conhece, de que ela própria não tomou consciência. Eles estão lá, mas como um potencial. Este potencial cria-se e desenvolve-se pelo diálogo, já que toda a linguagem transporta uma antecipação de se juntar a quem a recebe.

A visão alargada que Bakhtine tem de cultura, que se refere a todos os fenómenos culturais enraizados na linguagem, tem o efeito salutar de deitar abaixo as fronteiras entre cultura popular e cultura das elites, mas também entre texto e contexto. Tal como Vygotsky, para quem o extralinguístico e o linguístico são inseparáveis. E, se bem que este último tenha demonstrado que as origens filogenéticas e ontogenéticas da linguagem e do pensamento são diferentes, para ele, pensamento, linguagem e acção constituem um todo que, se se separam, se desvirtuam, sendo a palavra um modo de agir sobre e reagir à realidade de um determinado grupo social.

Como em Paulo Freire, Bakhtine rejeita qualquer modelo que investigue os processos culturais em termos de regras ou sistemas. Ele argumenta que o processo cultural original desaparece sob esse escrutínio. As relações interculturais apenas são significativas quando a autenticidade e a qualidade das mundivisões relacionais são avaliadas pelo ângulo dialógico, no qual uma consciência é justaposta a outra. Os temas «geradores» em Paulo Freire, resultam de uma situação de comunicação, pela entrada num mesmo universo de sentidos, em si mesma propulsora de outros sentidos, num quadro dialéctico de superação do imediato no mediato.

Mas Wanderley Geraldi também fala de silêncios e na recuperação de um tempo ausente e jamais passível de reposição, quando convoca o tempo de pós-exílio de Paulo Freire. É o silêncio de quem é silenciado.

Mas há também o silêncio, não de quem é impedido de dizer o que quer, mas que não tem como dizer aquilo que poderia ser dito. É um silêncio que dói.

E também o silêncio gerado num quadro agonístico da luta pelo reconhecimento, em que o diálogo tende para o silenciamento do outro. E isso pode não ser tão distante assim do que são as nossas práticas. Concomitantemente com as mais bem intencionadas reflexões e argumentações, tantas vezes somos participantes activos de um confronto entre um saber prestigiado, que a si mesmo se legitima, com outros que não passam nesse crivo. E Wanderley também nos dá esse toque na recomendação de um fazer cognitivo que não se afaste da vida.

A resposta será a saída (difícil) desse quadro agonístico para um diálogo descentrado do eu e do outro. A conversação desloca-se do centro *eu* e do centro *outro* para o *medium* que está deslocado do centro, envolvendo uma multiplicidade de vozes e de contextos: a tal **polifonia** Bakhtiniana.

É para esta descentração que tende a proposta de Paulo Freire, aqui mediada pelo encontro a três, tão criativamente engendrado por Wanderley Geraldi. E que, finalmente, pode acolher diferenças substanciais e mesmo conflituais, de resto, muito caras aos três autores que convoca.

E acedo ao Paulo Freire narrador, em contraponto à lembrança de que ler *O Marxismo e a Filosofia da Linguagem* de M. Bakhtine é enfrentar um monumento intelectual construído sobre a maior sofisticação discursiva. Já na *Pedagogia do Oprimido...* sentimo-nos aconselhados. O que não obsta ao reconhecimento de convergências dos três autores no carácter socialmente construído da consciência, em resultado da irredutível incompletude humana. Será este o registo em que Wanderley situa as teorias dialógicas quando estas *parecem demandar um compromisso com o futuro, com o provisório, com o sempre em construção*. É esse o alcance da memória do que há de vir.

**Contacto:** Rosa Soares Nunes, FPCE-UP, Rua do Campo Alegre, 1021-1055, 4169-004 Porto  
Email: [rmunes@fpce.up.pt](mailto:rmunes@fpce.up.pt)

## Referências bibliográficas

- BAKHTINE, M. (1977) *Le Marxisme et la Philosophie du Langage*, Paris: Ed. Minuit.  
FREIRE, P. (1981) *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.  
MIN, E. (2001) «Bakhtinian Perspectives for the Study of Intercultural Communication», *Journal of Intercultural Studies*, vol. 22, 1, 5-8.  
VYGOTSKY, L. S. (1979) *Pensamento e Linguagem*, Lisboa: Edições Antídoto.